

**O Mercado de São Brás:
Percepções urbanas e patrimoniais de uma transição espacial em Belém/PA.**

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM.

CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Ana Beatriz do Valle Monteiro/ UFPA / abvalle.arq@gmail.com
Camyla Lorena Torres Silva/ UFPA / torrescamyla@yahoo.com.br

RESUMO

O Mercado de São Brás, um patrimônio cultural na Amazônia, enfrenta desafios significativos em sua preservação devido à negligência governamental e intervenções mercadológicas que afetam tanto sua paisagem quanto sua identidade cultural. O presente trabalho analisará a proposta atual de requalificação do Mercado de São Brás, com foco no enfoque turístico, e examinará os debates suscitados em torno da preservação da paisagem cultural. Além disso, busca-se destacar a importância da participação da população local na definição do futuro do mercado, considerando suas tradições e significados culturais. O estudo utilizou a análise documental e arquitetônica do mercado para traçar a trajetória de sua arquitetura, assim como a bibliografia referente às discussões patrimoniais. Espera-se que este estudo forneça insights valiosos sobre as perspectivas em relação à proposta de requalificação do Mercado de São Brás. Além disso, pretende-se destacar a importância da preservação da paisagem cultural e da participação da população local na definição do futuro do mercado.

PALAVRAS-CHAVES: Patrimônio; Mercado de São Brás; Paisagem Urbana Histórica; Belém

ABSTRACT

The São Brás Market, a cultural heritage site in the Amazon, faces significant challenges in its preservation due to government neglect and market interventions that affect both its landscape and its cultural identity. This paper will analyze the current proposal to redevelop the São Brás Market, with a focus on tourism, and examine the debates that have arisen around the preservation of the cultural landscape. It also seeks to highlight the importance of the local population's participation in defining the future of the market, taking into account its traditions and cultural significance. The study used documentary and architectural analysis of the market to trace the trajectory of its architecture, as well as bibliography referring to heritage discussions. It is hoped that this study will provide valuable insights into the prospects for the proposed redevelopment of São Brás Market. In addition, it aims to highlight the importance of preserving the cultural landscape and the participation of the local population in defining the future of the market.

KEYWORDS: Heritage; São Brás Market; Planning and management; Historic Urban Landscape; Belém.



O patrimônio cultural tornou-se tema de discussões relevantes na atualidade, especialmente no contexto da cidade, havendo um movimento para ampliar as perspectivas sobre sua conceituação e para criar soluções que visem sua preservação de forma mais efetiva.

Para Choay (2006), há uma tendência nos estudos da morfologia urbana em considerar a perspectiva histórica das cidades, contrapondo os espaços do passado à cidade do presente. Através do contraste, os elementos estruturais da cidade antiga tornam-se objetos de investigação pelo efeito da diferença com as novas modalidades de organização do espaço urbano. Assim, na cidade histórica, percebe-se a presença de monumentos, edifícios, praças e parques que compõe o seu patrimônio cultural e esclarecem como as sociedades se relacionaram com a temporalidade e construíram sua identidade e memória. Diante disso, surge a reflexão: como preservar o patrimônio cultural?

Para esta análise, o conceito de patrimônio pode ser definido como:

um conjunto de posses que devem ser identificadas como transmissíveis; ela mobiliza um grupo humano, uma sociedade, capaz de reconhecê-las como sua propriedade, além de demonstrar sua coerência e organizar sua recepção; ela desenha, finalmente, um conjunto de valores que permitem articular o legado do passado à espera, ou a configuração de um futuro, a fim de promover determinadas mutações e, ao mesmo tempo, de afirmar uma continuidade (Poulot, 2009, p. 203).

Segundo Chuva (2012), a expansão do campo patrimonial brasileiro tem abarcado um universo mais amplo de agentes sociais, objetos e práticas culturais passíveis de serem patrimonializados, que além de o tornar uma área multidisciplinar, também evidencia um conjunto significativo de questões de ordem política, de relações de poder e de uma importante reivindicação de identidade.

Na Amazônia, encontramos uma diversidade de patrimônios culturais – materiais e imateriais – e paisagens urbanas históricas¹. No entanto, apesar da existência de legislação que prevê a proteção e preservação deles, observa-se uma carência de material documental, histórico e fotográfico nos órgãos públicos das esferas federal, estadual e municipal, assim como de estratégias efetivas de conservação e valorização desses bens. Essa problemática, facilita a implementação da lógica mercadológica em centros históricos e áreas de proteção patrimonial já determinadas, o que provoca mudanças na paisagem urbana histórica.

Para Poulot (2009), as falhas nas práticas de preservação dos patrimônios, incluindo a sua exploração cultural equivocada, os tornam alvo de um mercado imobiliário de prestígio, que exclui as populações locais e sem espaço de reivindicação, e, conseqüentemente, suas atividades tradicionais e cotidianas.

Quando se trata de preservação patrimonial relacionada às mudanças na paisagem, determinadas pela lógica mercadológica, há certa incerteza nas tomadas de decisão sobre os projetos de requalificação desses espaços. Nesse contexto, este trabalho utiliza o Mercado de São Brás, em Belém do Pará, como estudo de caso. Pretende-se analisar as transições das paisagens, considerando sua importância cultural e histórica, e os impactos das mudanças promovidas pela requalificação patrimonial e urbanística desse espaço emblemático. Por meio de uma pesquisa abrangente, que inclui análises bibliográficas, iconográficas e históricas, busca-se compreender como essas mudanças afetam a percepção da comunidade local sobre o mercado, sua arquitetura e sua identidade cultural.

¹ Conforme a Unesco (2011), a paisagem histórica urbana define-se como uma área urbana que estratifica os atributos da estrutura urbana como os edifícios, organização espacial, ocupação do solo e demais elementos do ambiente construído e também do natural com atributos culturais, valores sociais, processos econômicos e práticas.

1 MERCADO DE SÃO BRÁS: LOCALIDADE, HISTÓRIA E CONTEXTO MORFOLÓGICO.

De acordo com Pantoja (2014), a cidade de Belém do Pará passou por alterações econômicas e políticas significativas durante o período Lemista² (1897 a 1911), as quais influenciaram em sua urbanização e organização, destacando-se o surgimento dos primeiros mercados na capital. O ciclo de exploração da borracha proporcionou recursos que reverteram o cenário de abandono pós-independência. Em 1897, o intendente Antônio Lemos determinou a construção do Mercado do Ver-o-Peso, que projetou o mercado de Belém internacionalmente, baseado na comercialização da borracha e dos produtos da floresta, por meio da conexão rio/mar/continente.

Na primeira década do século XX, apesar do término da intendência de Antônio Lemos e do ciclo da borracha, decidiu-se pela construção do terceiro mercado de Belém³: o Mercado de São Brás. Este mercado não só se integrou ao plano político e econômico para a capital paraense, como também estabeleceu laços comerciais entre Belém e a Zona Bragantina.

Somente após a inauguração em 1911, o bairro de São Brás começou a experimentar uma nova dinâmica, somada à implantação da Estrada de Ferro de Bragança, que facilitou a articulação entre bairros e cidades, integrando ao Estado do Pará uma expressiva atividade comercial. Para Pantoja (2014), o Mercado de São Brás contribuiu para o desenvolvimento urbano do seu entorno, uma vez que a ocupação efetiva ocorreu após sua construção.

O complexo do mercado está situado em frente à Praça Floriano Peixoto e é delimitado pela Avenida Almirante Barroso e pelas travessas Barão de Mamoré e José Bonifácio (Figura 1), vias que testemunharam as transformações do bairro de São Brás na década de 1950. Quanto às tipologias de uso no seu entorno, é importante destacar a coexistência de pontos comerciais, instituições e residências, que contribuem para a heterogeneidade do cenário urbano.

Também é relevante mencionar que o complexo está no entorno da Caixa d'água de Ferro, tombada pelo Departamento de Patrimônio Histórico, da Fundação Cultural do Município de Belém – DPH/Fumbel e pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, da Secretaria de Cultura do Estado do Pará – DPHAC/SECULT. Atualmente, a área atrai um intenso fluxo de pessoas devido à proximidade com o terminal rodoviário e por ser um ponto de convergência de três vias movimentadas da cidade, duas das quais arteriais e uma coletora.

²Período da história da cidade de Belém correspondente à administração do Intendente Antônio José de Lemos.

³O segundo mercado da cidade de Belém é o Mercado de Ferro do Ver-o-Peso, inaugurado em 1901.



Figura 1: Localização Mercado de São Brás, destacado em vermelho.



Fonte: Google Maps, 2023. Modificado pela autora.

1.1 Mercado de São Brás e sua importância histórica e cultural para a cidade.

Os mercados públicos desempenham um papel fundamental nas esferas econômica, histórica, social e urbana, uma vez que os fluxos de produtos, pessoas e capital provocam mudanças e transformações em seu entorno. Segundo Pantoja (2014), os mercados são elementos essenciais para a configuração e dinâmica das cidades, agregando uma lógica funcional que atende tanto às necessidades da população quanto às demandas do Estado. O Mercado de São Brás, por exemplo, foi concebido com o propósito de integrar economicamente o Estado, estabelecendo uma conexão vital entre diferentes regiões por meio da ferrovia Belém-Bragança, em contraste com o papel desempenhado pelo Mercado Ver-o-Peso. Apesar das distintas dinâmicas, o mercado mantém sua relevância para a cidade e seu entorno, especialmente nos aspectos culturais e sociais.

A política higienista adotada pelo Intendente Antônio Lemos durante o período conhecido como *Belle Époque* refletiu-se nas edificações de Belém, que incorporavam influências europeias em sua linguagem arquitetônica. O Mercado de São Brás, por sua vez, representa um marco temporal no contexto das transformações urbanas e da influência europeia, refletindo a introdução de novas formas de consumo e circulação de mercadorias que impactaram diretamente a ocupação de seu entorno após sua inauguração em 1911.

Projetado pelo engenheiro Filinto Santoro, o mercado destaca-se como uma expressão notável da arquitetura eclética, combinando elementos das ordens dórica, jônica, romana e coríntia, além de apresentar pórticos e colunas que se abrem para o norte e sul (Figuras 2 a 4). Para Pantoja (2014), um elemento que chama a atenção é a sua cobertura em forma de abóbada com arco abatido, que foi concebida combinando estrutura metálica e telhas de cimento amianto, formando losangos em preto e cinza.



Figura 2: Vista da fachada lateral e posterior do Mercado de São Brás em 1911.



Fonte: Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante (1911).

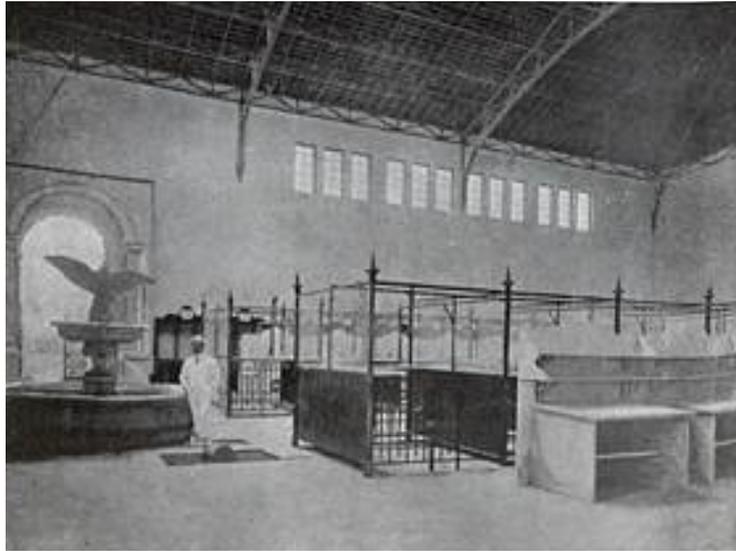
Figura 3: Detalhe da entrada principal do mercado.



Fonte: Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante (1911).



Figura 4: Aspecto do interior do mercado.



Fonte: Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante (1911).

A monumentalidade do mercado é ressaltada pela sua localização estratégica no encontro de três vias, proporcionando uma visão imponente em frente à praça Floriano Peixoto. Os materiais nobres escolhidos para a sua construção contribuem para a sua grandiosidade, como o “mármore Carrara em todas as portas e soleiras e nas pilastras ornadas de diamantes telhados, lanternins cobertos com chapas em cristal, grades e escada helicoidal interna em ferro forjado e azulejos decorados com motivo Art-Noveau” (Pantoja, 2014 p. 39).

Do ponto de vista antropológico, o Mercado de São Brás desempenha um papel vital como um espaço de sociabilidade e cultura, servindo como um ambiente multiuso que faz parte do cotidiano de diversas pessoas e facilita uma complexa interação entre trabalhadores e usuários. Para Rodrigues *et al.* (2014), além de sua importância física e histórica, o mercado também possui um significado simbólico profundo para a população, representando uma identificação coletiva e individual.

Essa relevância foi oficialmente reconhecida tanto no âmbito estadual pelo DPHAC/SECULT, quanto no municipal, pelo DPH/Fumbel, através do seu tombamento, ocorrido em 1982, o que conferiu ao Mercado de São Brás o status de Patrimônio Histórico.

2 METAMORFOSES DO MERCADO DE SÃO BRÁS

As transformações no espaço urbano, catalisadas pela Revolução Industrial, destacam-se pela rapidez com que ocorreram, impulsionadas pelas tecnologias que viabilizaram grandes mudanças em curtos períodos, frequentemente motivadas por interesses públicos ou privados. Mesmo o Mercado de São Brás, embora geograficamente distante do Centro Histórico de Belém e, portanto, fora da Zona Especial de Preservação do Centro Histórico, manteve sua visibilidade ao longo do tempo, ainda que em condições precárias de conservação. Em 2023, iniciaram-se as obras de Requalificação Patrimonial e Urbanística no mercado, que visa redefinir sua arquitetura original.

Conforme Chaves (2009) a cidade de Belém evidenciou uma nova expressão a partir de 1930, reflexo do processo modernizador implementado pelo Estado Novo e influenciado pelos movimentos internacionais. Esse contexto também deu origem a novas expressões artísticas e arquitetônicas, impulsionadas pelo período entre guerras e transições políticas nacionais, gerando assim, “intervenções na paisagem urbana, na infraestrutura dos serviços à disposição da coletividade e na modernização de edifícios públicos assumiram o ideal de modernização”



(Pantoja, 2014, p. 52). Durante o período entre guerras, o Mercado de São Brás manteve sua relevância na relação comercial com a Zona Bragantina, culminando na inauguração de um pavilhão anexo em 1939 para abrigar vendedores de peixes e mariscos.

Em 1950, durante o auge da expressão moderna em Belém, o bairro de São Brás passou por transformações decorrentes da desativação da estrada de ferro, que resultaram em um cenário de abandono e na substituição da estação pelo terminal rodoviário, assim como no avanço da via Tito Franco em 1970. Essa transformação não foi apenas física, mas também representou uma alteração na dinâmica do espaço, encerrando a relação comercial entre Belém e Bragança e adaptando o Largo de São Brás à nova realidade rodoviária.

Na década de 1980, o mercado passou por várias intervenções malsucedidas da prefeitura de Belém, enquanto sua função original foi gradualmente substituída por uma variedade de comércios, principalmente alimentos, enfraquecida pela ascensão dos supermercados. A sua função atual pode ser descrita como:

(...) o espaço se encontra ocupado por artesãos e comerciantes que oferecem produtos diversos aos consumidores, sendo frequentados por moradores do bairro e do Largo que guardam o mesmo nome, e por moradores distantes que se deslocam até o espaço em razão de encontrarem produtos de sua preferência ou por manterem vínculos de amizade com os vendedores (Pantoja, 2014, p.27).

Em se tratando de sua condição patrimonial, o Mercado de São Brás se enquadra no conceito de monumento histórico, que segundo definição da Carta de Veneza, é entendido como:

Artigo 1º - A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Entende-se não só as grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural (Icomos, 1964, p. 1).

Esta definição abrange não apenas grandes obras, mas também construções mais modestas que adquiriram significado cultural ao longo do tempo. Analisando essa definição à luz da situação do Mercado de São Brás, fica clara a sua importância histórica, tanto em termos urbanos quanto econômicos, e sua arquitetura reflete um período de grande influência europeia na Amazônia no final do século XIX e início do século XX.

Além disso, o mercado desempenha um papel significativo na memória coletiva da população local, o que é evidenciado pelo vínculo afetivo das pessoas com o local. Portanto, ele é um monumento histórico com uma significação cultural, e isso sustenta a justificativa de seu tombamento, que reconhece sua relevância patrimonial na cidade no âmbito estadual e municipal.

Ao longo dos seus 112 anos de existência, o Mercado de São Brás passou por duas intervenções de revitalização. A primeira, em 1988, foi realizada pelo prefeito Fernando Coutinho Jorge com objetivo de transformar o espaço em um centro cultural dentro de um ambiente originalmente voltado para o comércio. No entanto, a tentativa de realocar o comércio de alimentos para prédios anexos resultou em sua deterioração e, um ano depois, os comerciantes retornaram ao interior do mercado. Situações semelhantes ocorreram em 1993 e em 2018, quando propostas de revitalização foram discutidas.

A Carta de Veneza destaca em seu artigo 4º a importância da manutenção permanente na conservação dos monumentos históricos. No entanto, essa diretriz não foi seguida no caso do Mercado de São Brás, que sofreu com o desgaste e negligência por parte da gestão municipal, levando à deterioração do local. Para Dantas (2022), seu péssimo estado de conservação é um elemento transformador da percepção da população sobre o local, levando-o a ser encarado como algo negativo e relacionando-o a uma perspectiva de desvalorização.

Quanto ao projeto de requalificação atual, ele tem sido alvo de debates e críticas, pois, embora pretenda revitalizar o edifício do mercado, também propõe mudanças significativas que podem desconfigurar a dinâmica atual do local e ignorar suas raízes funcionais.

O projeto divulgado para a requalificação do Mercado de São Brás propõe não apenas a restauração do edifício do mercado, mas também a adição de uma área de 2.065m² ao complexo original. Fisicamente, essa proposta é impactante, com a inserção de dois volumes em estrutura de vidro na praça Floriano Peixoto, o que interfere na visibilidade do mercado (figura 5). Além disso, ao sugerir diversas operações de varejo, serviços e espaços complementares, como centro de convenções e eventos, restaurantes, empório e cervejaria, o projeto desconfigura a dinâmica atual do local, impondo uma nova arquitetura e ignorando as funções originais do mercado.

Figura 5: Imagem da proposta para a fachada do mercado, observando-se os elementos de vidro inseridos em frente ao Mercado.



Fonte: Diário Online, 2022.

Disponível em:

<https://dol.com.br/noticias/para/778272/video-veja-o-projeto-para-a-reforma-do-mercado-de-sao-bras?d=1>

O Complexo do Mercado de São Brás é composto por diversas áreas, incluindo o próprio mercado, feira, mercado de peixe e carne, e espaço gastronômico, que já atendem a uma demanda estabelecida pela comunidade local. O artigo 13^a da Carta de Veneza ressalta a importância de respeitar as características originais dos edifícios e as necessidades existentes dos espaços ao considerar qualquer intervenção, o que sugere que os acréscimos propostos devem ser cuidadosamente avaliados para garantir a preservação da identidade do local.

As mudanças que ocorreram com o mercado com o tempo e em outros contextos produziram cenários e dinâmicas diferentes que se contrapõem às propostas da Carta de Veneza (Figuras 6 e 7). As mudanças propostas para o Mercado de São Brás refletem uma tendência de mercantilização da cultura em centros históricos, com o objetivo de obter lucro através do turismo e lazer, o que pode resultar em uma mudança no público-alvo e em riscos de gentrificação e segregação socioespacial. Contrariando as diretrizes da Carta de Veneza, as necessidades e interesses das pessoas que contribuem para a significância do local foram preteridos na concepção do projeto.



Figura 6: Fluxo comercial no entorno do Mercado de São Brás no final da década de 1970.



Fonte: Portal Paramazonia, 2016. Disponível em:

<http://portalparamazonia.blogspot.com/2016/12/breve-historico-do-mercado-de-sao-bras.html>

Figura 6: Aspecto da entrada principal do Mercado de São Brás em 2023, observando-se a falta de conservação do edifício e ausência de público.



Fonte: Diário Online, 2023. Disponível em:

<<https://dol.com.br/noticias/para/792973/reforma-do-mercado-de-sao-bras-inicia-oficialmente-em-bel-em?d=1>>.

Além disso, é observada uma tendência nos centros históricos de mercantilizar a cultura ali presente. Nesse contexto social de consumo, tudo tende a ser objetificado, o que resulta na perda da essência original desses espaços. Mariza Veloso (2006) classifica esse fenômeno como a fetichização do patrimônio, identificando-o como uma ameaça, uma vez que desconsidera o valor, a história e as manifestações culturais associadas ao monumento. É crucial entender que o patrimônio cultural não deve ser reduzido a um mero produto de consumo para entretenimento ou transformado em mercadoria cultural.

Essa nova abordagem proposta para o Mercado visa lucrar por meio da exploração da cultura, do turismo e do lazer, o que pode resultar em uma mudança de público-alvo para um grupo mais privilegiado, já que parte da função original será perdida. As propostas para uma nova dinâmica do Complexo favorecem a parceria público-privada, mas isso também traz riscos.

Por outro lado, objetivo do projeto é revitalizar o Mercado de São Brás, o que é interessante em uma perspectiva mais ampla. Para Dantas (2011), enquanto não era economicamente atrativo, a negligência da gestão municipal era evidente, e o que manteve a vitalidade do espaço foram as pessoas, as mesmas que não possuem certeza sobre sua permanência no local, devido às decisões contidas no projeto.



O caso do Mercado de São Brás ressalta a necessidade de equilíbrio entre o novo e o antigo para preservar a cultura presente, já que o mesmo resistiu às mudanças urbanas e alterações no padrão de consumo, mantendo-se significativo para a população. Milton Santos (1966) argumenta que as transformações urbanas refletem as mudanças sociais e humanas. No entanto, as mudanças propostas para o Mercado não consideram o interesse popular, resultando em uma transformação imposta, não natural.

Para Oliveira (2017), é crucial diferenciar as ações de modernizar os serviços e de modernizar a estrutura física, pois dentro desse contexto de alterações, perde-se o sentimento de identificação com seus espaços de trabalho por parte dos permissionários dos mercados, o que pode ocorrer também com os consumidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mercados desempenham não apenas um papel econômico, mas também um papel fundamental na configuração da cidade, como evidenciado pelo estudo da história e cronologia do Mercado de São Brás em Belém. Esses locais públicos são espaços de encontro e troca, onde a sociabilidade gerada pelo fluxo de pessoas e comércio é essencial, formando laços que justificam sua importância social.

É perceptível que o Mercado foi impactado por várias mudanças urbanas ao longo do tempo, e essas mudanças estão intrinsecamente ligadas às transformações sociais. No entanto, é importante destacar que as intervenções urbanas, que incluem restauração, reabilitação, recuperação e renovação, podem ter consequências significativas tanto funcionais quanto sociais. Por um lado, essas transformações podem revitalizar um espaço, mas por outro, decisões arbitrárias das autoridades públicas podem levar à gentrificação e segregação.

O Mercado de São Brás, como patrimônio histórico tombado, enfrentou períodos de negligência que resultaram em sua vulnerabilidade física e funcional, levando à perda da história tanto da cidade quanto das pessoas que o frequentam. O atual projeto de requalificação do Mercado apresenta propostas ousadas que parecem priorizar o turismo em detrimento da preservação da autenticidade cultural, correndo o risco de "fetichizar" a cultura local.

Portanto, diante das transformações sociais decorrentes das mudanças urbanas, é essencial uma reanálise e reavaliação dos projetos em andamento, considerando seu impacto na população local. Em uma paisagem urbana histórica como a do Mercado de São Brás, a voz da comunidade deve ser ouvida e suas necessidades atendidas, pois são os próprios habitantes que justificam sua importância social e cultural. O Mercado merece ser preservado como um bem patrimonial vivo e útil, respeitando suas tradições e valorizando sua história.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu sincero agradecimento à professora Elna Trindade⁴ pelo seu apoio durante o desenvolvimento do artigo na disciplina de Preservação do Patrimônio Cultural e Histórico. Sua dedicação e conhecimento foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e para a elaboração de um trabalho consistente.

⁴ Doutora em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (2017), Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003) e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (1976). Professora Associada I da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU-UFPA) e Vice -Diretora da Faculdade de Conservação e Restauro da UFPA (FACORE- UFPA).



Também gostaria de estender meus agradecimentos à Camyla Torres, Mestre em arquitetura e urbanismo (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (PPGAU/UFGPA) e atualmente, doutoranda no PPGAU/UFGPA (2022-2026), por aceitar lapidar meu trabalho por meio de sua orientação. Sua experiência e dedicação foram fundamentais para aprimorar a qualidade da pesquisa.

Agradeço profundamente pelo apoio e orientação de ambas, que foram indispensáveis neste processo acadêmico.

REFERÊNCIAS

BELÉM. **Memorial Justificativo Mercado**. Belém, 2019. Disponível em: <http://codem.belem.pa.gov.br/index.php/consulta-publica-mercado-de-sao-bras/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

CHOAY, Françoise. **A alegria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CHUVA, Márcia. **Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil**. In: Revista do Patrimônio, nº 34/2012. Rio de Janeiro: IPHAN (organização: Márcia Chuva), p. 147-165.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza: 1964.

CHAVES, Celma. **Referências modernas na arquitetura pública e privada na cidade de Belém entre 1938 e 1970**. In: Cadernos PPG-AU/FAUFBA/Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano VIII, número especial, (2009); Ana Carolina de Souza Bierrenbach, Anna Beatriz Ayrosa Galvão, Juliana Cardoso Nery (Org.). - Salvador: PPG-AU/FAUFBA, 2009.

DANTAS, Adailson Soares. **Novo Mercado de São Brás: o discurso do declínio urbano e a apropriação do patrimônio**. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), v. 20, p. 1-18, 2022.

FON FON: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante. Rio de Janeiro, Ed. 20, 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/259063/6856>>. Acesso em 29 Mar.2024.

LEITE, Rodrigo Proença. **Patrimônio e consumo cultural em cidades enobrecidas**. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1013>. Acesso em 29 Mar. 2024.

PANTOJA, Laura Cristina Monte Palma. **Mercado de São Brás e seu entorno: tramas e sentidos de um lugar**. Orientadora: Celma de Nazaré Chaves de Souza Pont Vidal. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RODRIGUES, Carmem; SILVA, Jesus; MARTINS, Rosiane. **Mercados Populares em Belém: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano**. Belém: NAEA, 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1966.

UNESCO. **Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana**. Paris: Unesco,2011. Disponível em:<https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/cultura/recomendacao_sobre_a_paisagem_historica_urbana_unesco_2011.pdf>. Acesso em 29 Mar. 2024.



VELOSO, Mariza. **O fetiche do patrimônio**. Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 4, n. 1, p. 437-454, 2006.